



# Semântica Cultural e Diversidade Linguística Regional. Estudos sobre o léxico de Campo do Meio, Sul de Minas Gerais

**Cultural Semantics and Regional Linguistic Diversity. Studies on the  
lexicon of Campo do Meio city, South of Minas Gerais**

*Breno Oliveira CORREIA\**

*Geraldo José RODRIGUES LISKA\*\**

---

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma análise cultural do falar de uma das cidades do sul do estado de Minas Gerais, Campo do Meio. Informações sobre topônimos, tradições orais e expressões idiomáticas foram coletadas entre os falantes do município a fim de demonstrar as peculiaridades linguísticas desse povo interiorano. Para isto, foi utilizado como referencial teórico a Semântica de Contextos e Cenários (SCC), concepção de semântica que toma como base a ideia de que uma língua natural é um sistema socializado e culturalmente determinado de representação de mundos e seus eventos. A pesquisa, realizada em etapas, culminou nos seguintes procedimentos: coleta de material bibliográfico, seleção de materiais, entrevistas e transcrição de dados. Buscamos demonstrar um trabalho sobre estudos linguísticos de caráter cultural e resgatar um pouco da cultura de um povo, perdida dia após dia.

---

**ABSTRACT:** This paper presents a cultural analysis of the speech of one of the cities in the south of the state of Minas Gerais (Brazil), Campo do Meio. Information on toponyms, oral traditions and idioms was collected among the municipality's speakers in order to demonstrate the linguistic peculiarities of this rural people. For this, the Semantics of Contexts and Scenarios (SCC) was used as a theoretical framework, a semantic concept based on the idea that a natural language is a socialized and culturally determined system of representation of worlds and their events. The research, carried out in stages, culminated in the following procedures: collection of bibliographic material, selection of materials, interviews and transcription of data. We seek to demonstrate a work for linguistic studies of a cultural nature and to rescue a little of the culture of a people, lost day after day.

---

\* Mestrando em Educação (UNIFAL-MG), professor de Língua Portuguesa (SEE-MG). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7196-2424>. [brennocontabilidade@gmail.com](mailto:brennocontabilidade@gmail.com).

\*\* Doutor com Residência Pós-doutoral em Estudos Linguísticos (UFMG). Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9027-5926>. [geraldo.liska@unifal-mg.edu.br](mailto:geraldo.liska@unifal-mg.edu.br).

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Semântica de Contextos e Cenários (SCC). Topônimos. Tradições orais. Expressões idiomáticas.

---

**KEYWORDS:** Context and Scenario Semantics (SCC). Toponyms. Oral traditions. Idioms.

---

## 1 Introdução

A língua é um dos recursos mais importantes na constituição e na manutenção das sociedades humanas. É através dela que expressamos nossos pensamentos, ideias, opiniões e sentimentos. Ela é concebida de diferentes maneiras no meio social, o que caracteriza o seu caráter dinâmico. A língua é, em certo sentido, uma ferramenta que permite a interação entre os falantes de uma determinada comunidade. Porém as mesmas relações sociais que ela ajuda a estabelecer demonstram como essa ferramenta é instável e como varia nos seus mais diversos cenários de uso.

De modo geral, as construções lexicais e tradições orais ligadas à história, numa dada comunidade de falantes, permanecem vivas através da interação comunicacional, ou seja, na efetivação das trocas de experiências por meio da língua falada (e, às vezes, escrita, pois nem todos os povos possuem uma forma de escrita), possibilitando a perpetuação de conhecimentos de geração a geração. Assim, os sujeitos da fala são também vistos como agentes sociais, pois é por meio de diálogos entre eles que ocorrem as trocas de experiências, efetivando a cultura local. Dessa forma, línguas também atuam como depósitos de cultura e de história.

A presente pesquisa busca, através do levantamento de construções lexicais e tradições orais, resgatar, conhecer, descrever e tentar registrar adequadamente uma parte da cultura da população de Campo do Meio, cultura esta que, até então, está esquecida - ou presente apenas na memória dos idosos.

Nas próximas seções, explicaremos o referencial teórico que embasa o trabalho e apresentaremos a metodologia usada na pesquisa, bem como os resultados obtidos, divididos em categorias: topônimos, tradições orais e expressões idiomáticas.

## 2 Pressupostos teóricos

A pesquisa que visa a abordar as construções lexicais e o registro de tradições orais na cidade de Campo do Meio e zona rural está fundamentada nas obras intituladas “Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie” e “A pesquisa em Semântica de Contextos e Cenários: princípios e aspectos metodológicos”.

A Semântica de Contextos e Cenários (SCC) é uma ramificação linguística ainda pouco explorada no Brasil, que vem ganhando espaços nas últimas décadas quando se trata de estudos linguísticos. É uma concepção de semântica que toma como base a ideia de que uma língua natural é um sistema socializado e culturalmente determinado de representação de mundos e seus eventos. Essa semântica se insere no quadro das Semânticas Culturais, que são vertentes que “estudam a relação entre os sentidos atribuídos às palavras (e demais expressões) de uma língua e a cultura em que essa mesma língua está inserida” (FERRAREZI, 2018, p. 7).

Segundo a SCC, nenhuma palavra tem sentido próprio, fixo. Não existem, na realidade da língua, listas prontas de palavras com seus sentidos fixos. O máximo que podemos ter são palavras com sentidos costumeiros, ou seja, usados com determinada frequência no dia a dia. Há palavras que estão tão presentes no nosso vocabulário que sempre as associamos a um sentido habitual. Sendo assim, uma mesma palavra poderá desempenhar funções distintas a depender do contexto e do cenário no qual esteja inserida. Por exemplo, numa determinada oração ela poderá ser verbo, noutra ela poderá ser um substantivo. A especialização do sentido de qualquer palavra (em SCC, chamada de sinal-palavra) depende de um contexto (aspectos linguísticos) e um cenário (aspectos extralinguísticos que constituem a visão de mundo do falante).

Concordamos que uma língua só existe verdadeiramente se houver falantes que fazem uso dela. Línguas “mortas” não são mais, *stricto sensu*, línguas, mas apenas registros de línguas outrora existentes. Como nos lembra Marcos Bagno, há uma regra

de ouro da Linguística que diz: “só existe língua se houver seres humanos que a falem” (1999, p. 09).

Isso desconstrói a ideia, perpetuada por muito tempo, de que os falantes devem se apropriar das regras da língua. As gramáticas normativas elaboram várias listas fechadas, várias regras de uso da forma correta de usar o português, mas nunca consideram a cultura dos falantes, as especificidades de cada comunidade. O que deve ocorrer é o contrário, ou seja, a língua deve atender às nossas necessidades de comunicação. Claro que a norma culta da língua tem importância nas nossas relações sociais, porém não deve ser vista como única, sagrada e inquestionável. Uma língua sempre deve ser vista como um sistema aberto, pois é indissociável da cultura. “A língua é formatada pela cultura na medida em que a cultura exige da língua formas de expressão adequadas em todas as situações imagináveis” (FERRAREZI, 2018 p. 14).

### 3 Metodologia

O presente artigo surge como parte integrante de um projeto maior, a “Construção do Dicionário Sul-Mineiro de Expressões Idiomáticas”, devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UNIFAL-MG (CAAE-4267015.0000-5142).

A cidade escolhida para a pesquisa foi Campo do Meio, situada no sul do estado de Minas Gerais. O conhecimento em relação à cidade e a convivência do pesquisador, que é cidadão nato do município, com a população em geral, foram fundamentais na escolha do campo da pesquisa. Além do mais, a riqueza cultural da cidade e suas peculiaridades foram determinantes no processo. Sendo uma cidade interiorana, de pequeno porte, concentra-se um número expressivo de velhos residentes, que compartilham de experiências semelhantes.

No decorrer deste trabalho, é recorrente o uso da palavra ‘velho’, não no sentido pejorativo que pode assumir, mas sim de estar se referindo a sujeitos idosos,

experientes, dotados de lembranças e memórias. Escolhemos assim porque ‘velho’ é a palavra “real”, da cultura real de um povo real. Os velhos são “a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado” (BOSI, 1999, p. 18).

Por se tratar de um município tranquilo, de baixos níveis de violência comparado a grandes centros urbanos, muitos optam por viver o resto da vida na calmaria de Campo do Meio.

Além dos livros específicos que abordam a teoria da Semântica de Contextos e Cenários, outros trabalhos embasaram esta pesquisa. O livro *Campo do Meio: memórias, identidades e heranças da terra*, autoria de Luana Carla Martins Campos e Alexandre Borim Coda Dias (2010), em parceria com a prefeitura do município, apresenta informações políticas, históricas, linguísticas, culturais e econômicas do município mineiro. Outra obra de grande relevância que dá suporte à pesquisa é “*Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*”, de Ecléa Bosi (1999). É uma obra interessante para o trabalho com a história oral, na qual os velhos, através do relato de vida pessoal, contam aspectos da vida da cidade de São Paulo. A obra empresta o ouvido da pesquisadora ouvido aos velhos, que relatam suas experiências de vida, igualmente realizado na cidade de Campo do Meio-MG.

Trabalhando as expressões idiomáticas, os topônimos e as tradições orais, de maneira sistemática e fiel, os velhos, que até então se enxergavam como seres inúteis e improdutivos, desprovidos de participação funcional na comunidade em geral, ganham voz e espaço na exaltação da cultura local. Esse problema de não reconhecimento ocorre porque é notório como o capitalismo e o industrialismo descartam a velhice, ou seja, a sociedade rejeita o velho, não oferece alguma sobrevivência a sua obra: “Perdendo a força de trabalho, ele já não é produtor nem

reprodutor” (BOSI, 1999, p. 77). Por outro lado, percebemos que os velhos sentem a necessidade de testemunhar suas lembranças guardadas na memória.

O velho acaba não tendo mais serventia nos diversos setores do mundo globalizado. Eles perdem seus espaços nos distintos círculos sociais, inclusive no próprio mercado de trabalho, que exige maior rapidez nas produções em massa. “A racionalização, que exige cadências cada vez mais rápidas, elimina das indústrias os velhos operários” (BOSI, 1999, p 78).

As histórias orais ganham espaço no mundo das narrativas, pois a lembrança será sempre a sobrevivência do passado. Promover um estudo que resgate tais memórias e tradições, esquecidas ao longo do tempo, faz com que permaneça viva a cultura de seu povo. Dar ouvido a quem tem muito o que contar faz com que tenhamos a perpetuação de conhecimentos que só a memória é capaz de conservar, pois “a arte da narração não está confinada nos livros, seu viés épico é oral” (BOSI, 1999, p 85).

Assim, no desenvolvimento da pesquisa, alguns procedimentos fundamentais foram devidamente seguidos até a construção do presente trabalho:

a. exploração e estudos de fontes bibliográficas referente à SCC e ao município de Campo do Meio;

b. seleção e compilação dos referenciais teóricos usados no trabalho: teoria que embasa a pesquisa e fontes que abordam as questões políticas, econômicas, históricas, culturais e geográficas do município;

c. coleta de dados, viabilizada de duas formas:

1º: dados orais: coletados através de entrevistas formais com os velhos e dados informais compartilhados entre a população;

2º: escritos: dados coletados em fontes escritas e digitais: livro de patrimônio cultural do município, site da prefeitura (GOVERNO DE MINAS GERAIS, s. d.), jornais antigos que circularam na cidade, documentos oficiais da paróquia e da prefeitura municipal etc.

d. descrição dos dados coletados de maior relevância, incluindo história orais, topônimos e expressões idiomáticas;

e. análise dos dados coletados levando em consideração o depoimento dos entrevistados, as fontes escritas e os objetivos da pesquisa.

O levantamento de dados, ou seja, o registro de tradições orais e construções lexicais (topônimos e expressões idiomáticas), deu-se através de entrevistas formais e informais (conversas entre amigos e conhecidos). Conversas espontâneas também permearam o processo de coleta de dados por se tratar de uma comunidade de poucos habitantes, permitindo um contato mais próximo entre si.

Todos os entrevistados foram muito receptivos e acolhedores. As conversas foram regadas a muito café e quitutes. Muitos cortejavam de modo surpreendente no momento da pesquisa. Era comum ser convidado para um cafezinho: *“vou fazer uma merenda para nós”, “vou passar um cafezinho”*. Nas primeiras entrevistas, os velhos queriam a todo custo saber a qual família o entrevistador pertencia. Eram muito recorrentes perguntas do tipo: *“Você é filho de quem? De qual família você é?”*. Quando dizia a qual família pertencia, as respostas dos velhos eram sempre as mesmas: *“Conheço muito seu avô, ele trabalhou muito tempo na igreja”, “Seus avós são muito meus amigos”, “Casal exemplo de família eles”*.

A necessidade de saber a origem do entrevistador é mais do que um mero costume local. É uma forma de garantir a segurança e a fidelidade do que vai ser dito. Como em muitas cidades interioranas do Brasil, é comum que os velhos sejam objeto de explorações diversas, desde golpes da Previdência Social até a exploração política que demanda deles alguma influência familiar sobre os votos dos parentes. Embora pensemos que a vida desses velhos interioranos é desprovida de tensões sociais, certamente não é. Por isso, a identificação do autor e de sua origem acaba sendo uma forma de garantir que não estarão caindo em outro “golpe”.

Vencida a barreira do primeiro contato, de imediato, era comum que o entrevistador usasse as formas 'senhor/senhora' para se referir aos idosos; porém a maioria dispensava o uso. Era recorrente ouvir deles: *"O Senhor está no céu"*. *"Me chame de você"*. Essas conversas iniciais, antes das entrevistas, estreitavam os laços e davam mais confiança a quem iria narrar as histórias. De certa forma, também dava maior credibilidade à pesquisa. Os velhos sentiam-se seguros em falar tudo o que a memória recordava. Alguns filhos e netos presenciavam as conversas, mas outros preferiam deixar o pesquisador e os velhos a sós. Era muito recorrente ouvir coisas do tipo: *"Vou deixar vocês sozinhos, não quero atrapalhar em nada"*. Alguns entrevistados queriam a presença dos familiares, alegando que eles ajudariam nas recordações, e outros já preferiam ficar a sós, fazendo questão de reforçar que estão bem lúcidos e se sentem capazes de contar tudo.

O recurso mais utilizado foi o gravador de áudio, a fim de, posteriormente, transcrever o mais fielmente possível os relatos da narrativa. Vale ressaltar que a escrita nunca será capaz de registrar totalmente o que foi exposto na oralidade, isto porque ela desconsidera vários fatores primordiais do ato comunicativo como a entonação, os gestos e expressões do informante, as emoções e os sentimentos, o próprio silêncio, a articulação etc. Sendo assim, os relatos transcritos não evidenciam cem por cento o que foi dialogado entre o entrevistador e o narrador.

Outro ponto a destacar é de natureza ética: todas as transcrições que serão abordadas neste artigo estão autorizadas pelos velhos ouvidos e familiares que presenciaram as entrevistas. Além do mais, as transcrições aqui abordadas não serão alteradas se estiverem em desacordo com a norma culta da língua, por exemplo, se a pronúncia dos velhos não estiver em acordo com a grafia da norma padrão da língua brasileira, se as concordâncias verbais não estiverem "corretas" etc. Portanto, os áudios estão transcritos como o texto original foi pronunciado pelos velhos, utilizando-se uma



forma de aproximação ortográfica, muito mais acessível ao leitor padrão do que seria se tivéssemos feito uma transcrição fonética pelo IPA (*International Phonetic Alphabet*).

Os velhos entrevistados tinham idade superior a sessenta anos e, de preferência, eram pessoas que nasceram ou viveram desde a infância no município, incluindo a zona rural. Um informante, atualmente, reside no estado de São Paulo, mas, por ter morado mais de cinquenta anos na cidade, foi de fundamental importância para a pesquisa.

Sendo assim, é importante ressaltar que a preocupação da pesquisa não é a de apresentar a “veracidade” histórica das narrações aqui apresentadas. O objetivo não é estabelecer uma divisão do que é fato e do que não é, mas sim demonstrar como a população partilha de forma significativa desse acervo cultural popular, permanente na memória dos velhos e até mesmo dos mais jovens.

## **4 Resultados**

A partir de agora, apresentaremos alguns dos dados obtidos, especialmente aqueles que consideramos mais relevantes. Essa apresentação prosseguirá na seguinte ordem: topônimos, tradições orais e expressões idiomáticas. Para cada dado, apresentaremos a acepção local de sentido, o uso e as motivações que determinaram as atribuições de sentidos.

### **4.1 Toponímia**

Aqui, nos interessa o estudo estritamente linguístico e cultural dos topônimos para entendermos como eles receberam os seus respectivos nomes populares, compondo, junto às expressões idiomáticas, o objeto de estudo dessa pesquisa.

Campo do Meio é um município localizado no sul do estado de Minas Gerais. Tem uma população estimada em quase treze mil habitantes, incluídas as zonas urbana e rural. É um dos 34 municípios banhados pelo Lago de Furnas, conhecido

popularmente como “Mar de Minas”. Esse nome popular é atribuído pelo fato de o estado de Minas Gerais não ser banhado por nenhum mar ou oceano.

O município é forte na produção de café e leite e a maior parte da sua economia gira em torno da agricultura, como no mercado de soja, milho e feijão. Na cidade, concentra-se grande quantidade de agricultores familiares. Recentemente, o mercado da confecção de capas para automóveis tornou-se muito explorado no município, devido à falta de oportunidades de emprego. Isso decorre em função da mecanização da produção agrícola. Por exemplo, em uma plantação de café em que trabalhavam 100 colhedores manuais, hoje se emprega uma máquina para o mesmo serviço. Assim, o êxodo rural teve relevante aumento na última década, o que obrigou as pessoas a pensarem em alternativas de sobrevivência.

Cidade típica da região, Campo do Meio é uma terra de gente e costumes simples. Muitas tradições são conservadas até hoje como, por exemplo, os carroceiros que transportam o leite da zona rural até a cidade. Por se tratar de um município de extensão territorial pequena, a entrega de leite, em boa parte, ainda é feita por carroças, coisa típica de cidades antigas de interior. Interessante ressaltar que, mesmo com a oferta de leite e seus derivados nos comércios locais da cidade, muitas pessoas, principalmente, os mais velhos, preferem ainda o sistema tradicional: adquirir a mercadoria diretamente da fonte de origem. Além dessa tradição, outras ainda permanecem vivas, como a festa da padroeira<sup>1</sup>. Isso demonstra como muitos ainda mantêm algumas das tradições.

---

<sup>1</sup> Nossa Senhora Aparecida é a padroeira de Campo do Meio. A tradicional Festa da Padroeira é comemorada no dia 15 de agosto.

Figura 1 — Imagem da cidade de Campo do Meio e da Igreja Matriz.



Fonte: Prefeitura Municipal: <http://www.campodomeio.mg.gov.br>, acesso em 07 jun. 2021.

Politicamente, em 7 de setembro de 1923, Campo do Meio foi elevado a distrito do Município de Campos Gerais, donde foi desmembrado e elevado a Município em 27 de dezembro de 1948.

De acordo com o site oficial da Prefeitura Municipal de Campo do Meio (GOVERNO DE MINAS GERAIS, s. d.), o topônimo teve sua origem no fato de haver vários campos com nomes diversos que circundam a região de Campo do Meio: Campos Gerais (cidade vizinha), Campo da Flores (zona rural), Campo Redondo (zona rural) e Campo Alegre (zona rural). O nome foi dado devido à sua posição central em relação aos demais que já existiam antes do município. Portanto, a motivação para a parte final do nome é de caráter geográfico.

A respeito do topônimo, os informantes relatam:

Relato Informante 1:

Primeiro construiu a igreja central<sup>2</sup>. Eu era um bebê de colo, nasci quase junto com a paróquia. Alguns anos depois o povoado (...) antes era povoado, né. Daí começou a crescer, até virar a cidade (..) o nome é por

---

<sup>2</sup> Igreja Nossa Senhora de Aparecida, a matriz de Campo do Meio/MG. A igreja terminou de ser construída no ano de 1938, antecedendo a emancipação política da cidade em dez anos, aproximadamente.

causa de Campos Gerais que comandava nós. Tudo fazia era lá, depois que passou a ser feito aqui.

O informante evidencia o fato de que nasceu antes da emancipação política do município. Ressalta que vivenciou toda a construção e crescimento da cidade e como Campos Gerais, município vizinho, influenciou neste processo.

#### Relato Informante 2:

A cidade tem esse nome por causa de Campos Gerais e os Campos das Flor. Ah, tem o Campo Redondo também. É campo para todo o lado (risos), por isso ficou esse nome.

Campos Gerais, durante décadas, foi o município que mais exerceu influências sobre Campo do Meio enquanto povoado sem emancipação política, seja no ramo comercial, na saúde ou no ramo educacional. Atualmente, o município de Alfenas, por oferecer mais recursos, é que domina a maior parte da demanda da população campo-meense<sup>3</sup>, principalmente na área de educação e saúde.

#### Relato Informante 3:

Campo do Meio era só um pequenininho povoado, tinha poucas casas, nem era cidade ainda, tudo era feito em Campos Gerais. Quando precisava de médico, quem tinha condição, ia pra lá.

Ao mencionar “quem tinha condições”, o informante refere-se a quem tinha recursos financeiros para deslocar-se até o município vizinho. Por se tratar de uma cidade centenária, Campos Gerais, por muito tempo, exerceu influência sobre Campo do Meio, desde o pequeno povoado até a emancipação política do município. De certa

---

<sup>3</sup> Quem nasce em Campo do Meio é um cidadão campo-meense.

forma, exerce até hoje, como, a dependência que temos do fórum de Campos Gerais, da Caixa Econômica Federal, do INSS e de vários outros órgãos públicos e privados.

Assim, podemos entender que *Meio* se refere estritamente à questão geográfica do topônimo. Mas o que significa a palavra *Campo* nos nomes em todos os topônimos que citamos aqui? A palavra pode ser uma denominação dada a um terreno plano, extenso, com poucos acidentes e poucas árvores. Em geral, as cidades têm muitas dessas características apresentadas, podendo ser uma motivação para o nome de Campo do Meio e Campos Gerais. Também, *Campo* está ligado à zona rural, pastagens, cerrado etc., fazendo jus aos nomes Campo Alegre, Campo Redondo e Campo das Flores, que são comunidades rurais vizinhas. Quando pensamos em municípios interioranos, é muito característico esse tipo de vegetação.

#### 4.2 Berra lobo<sup>4</sup>

Campo do Meio tem um conjunto de bairros denominados São José I, São José II, São José III e, por último, o bairro Das Mães. Por se tratar de bairros interligados em questões políticas, econômicas e religiosas, são chamados, em geral, de Bairro São José. Contudo, a identificação dos bairros é feita de forma separada (por exemplo, pelas agências dos Correios). Tradicionalmente, são conhecidos como Berra-lobo, mas a identificação oficial não se dá por este nome popular, ou seja, é um nome usado com maior frequência pelos moradores ou por pessoas que já viveram e/ou conheçam o local, e não oficialmente pelas autoridades.

A respeito do topônimo 'Berra-lobo' os informantes relatam:

Relato Informante 4:

---

<sup>4</sup> Vídeo que mostra um lobo-guará uivando, por isso o uso da palavra "berra" (do verbo berrar). Link disponível: <https://youtu.be/rZAFnJFeeLU>, acesso em 07 jun. 2021.

ali, lá ia descenu um lobo lá pá (...) po mato, aí eu falei para o rapaz assim ó, vai pegar o nome. Por quê? Porque ele passou assim correndo e foi batata. Pegou o nome mesmo, aparecia muitos lobos na beirada dos canavial.

Segundo o informante, o nome popular dos bairros está atrelado às aparições de lobos durante o surgimento dos primeiros loteamentos. O informante exercia a função de pedreiro nas obras da prefeitura. O Berra-lobo faz divisa com várias comunidades rurais, portanto, faz divisa com as matas também.

#### Relato Informante 5:

eles tavam fazendu carçamento, era terra antigamente, né. Mais tarde, cê ia no campo de viação, aí cê via aquele tanto de lobo passar (...) os lobo urrava lá na serra lá e descia embaixo pro lado do campo de aviação (...) não sei se você viu já lá, tinha muito canavial, eles desciam a noite pelo canavial.

O entrevistado diz que o nome popular se dá pelas aparições de vários lobos no início da construção dos bairros, abertura dos primeiros lotes e calçamentos. O campo de aviação da cidade, com a pista ainda de terra, fica próximo ao Berra-lobo. A região é também rodeada por serras e vegetações em geral. A menção ao canavial deve-se ao fato de que, no município de Campo do Meio, havia a presença da antiga usina<sup>5</sup> de açúcar e álcool que, há duas décadas, aproximadamente, movimentava toda a economia local. Portanto, como a empresa detinha boa parte das terras, os canaviais circundavam todo o município.

Muitos estereótipos marcam o bairro. Há certos preconceitos reforçados, principalmente por moradores dos bairros centrais em relação a tudo que envolve a comunidade Berra-lobo. Os moradores fazem questão de defender o local, tentando ao

---

<sup>5</sup> Atualmente, a usina não exerce mais suas atividades econômicas. Ela era muito importante para a economia da cidade, pois gerava, aproximadamente, seiscentos empregos, chegando até, em épocas de safra alta, a mil empregos. A empresa decretou falência total no ano de 1998.

menos desconstruir esses estereótipos reforçados pela própria população. A respeito disso, um informante relata:

Relato Informante 6:

Berra Lobo é um lugar muito bom para morar, o povo fala mal, não gosta, eu não sei o porquê as pessoa fala isso de nós, mas a gente vive bem, eu gosto muito dos meus vizinhos, a gente dá muito bem. As pessoa tem que pôr na cabeça que faz parte da cidade, eu gosto de morar aqui, cresci nessas ruas que era só terra, desde quando começou construir. Olha só como está hoje, antigamente não era assim não, tudo calçadinho.

Os bairros que levam o nome popular Berra-lobo são afastados do centro do município, situados nas extremidades da cidade, mais próximos do campo, da zona rural. Por conseguinte, os estereótipos são marcados fortemente, por se tratar de uma comunidade distante, periférica, menos privilegiada devido à localização. É mais difícil o acesso aos principais comércios e estabelecimentos como farmácias, mercados, hospital etc.

Alguns mitos a respeito do topônimo são contados também. Muitos falam que um morador do bairro vira lobisomem à noite. Porém, como constado pelos relatos dos informantes, por unanimidade, os velhos dizem que a origem do topônimo se deu de fato pelas aparições dos lobos-guarás nas proximidades do bairro quando ainda se encontrava em construção.

Figura 2 — Imagem da cidade de Campo do Meio banhada pelo Lago de Furnas.



Obs.: Na parte superior da foto temos o bairro Berra-lobo e na parte inferior temos o bairro Vila Nova<sup>6</sup>, enquanto no centro da imagem concentram-se os bairros centrais.

Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/bd/1f/d6/bd1fd66099701a6fdced4fcee08081bc.jpg>, acesso em 6 jun. 2021.

Como se pode ver, a toponímia não apenas marca a localização de um lugar, mas marca questões de ordem ideológica. Afirmar que alguém mora no lugar “onde o lobo berra” é uma forma de dizer que alguém mora em um lugar distante do centro da cidade e da civilização, no mato, um lugar de interioranos “caipiras”, que convivem com os lobos-guarás e que - quem sabe? - podem até virar lobisomens! Essa forma de toponímia estigmatiza o lugar e os moradores.

Ademais, é incrivelmente interessante em se tratando de uma cidade de doze mil habitantes que é toda interiorana e em que não há grandes centros comerciais, centros bancários, industriais ou empresariais, mas, em que, mesmo assim, há espaço para

---

<sup>6</sup> O Vila Nova recebe esse nome por ser o último bairro a ser construído na cidade. Como o Berra-lobo, é um bairro afastado do centro do município, estando bem próximo às matas, às vegetações naturais.



marcações ideológicas de território. Usando a própria linguagem local, poderíamos perguntar sem preconceito algum: “Onde, em Campo do Meio, não é um lugar ‘Berra-lobo’?”. Certamente, em nenhum lugar, pois toda a cidade é pequena, simples e interiorana. Por outro lado, seus moradores não a enxergam assim.

Como explica a Semântica de Contextos e Cenários (FERRAREZI Jr., 2010), é da visão de mundo dos falantes que nascem suas representações linguísticas. E a visão de mundo dos falantes não expressa a realidade tal como ela é, mas é sempre ideologicamente marcada e totalmente permeada por nossos filtros sensoriais e culturais. Não há como ser de forma diferente.

#### **4.3 Expressões idiomáticas e palavras que estão caindo em desuso**

O estudo a respeito de expressões idiomáticas de Campo do Meio e zona rural vem sendo desenvolvido desde 2017<sup>7</sup>, através de visitas às casas de moradores com o fim da pesquisa, ou em conversas informais e aleatórias. A maioria das expressões, principalmente aquelas que foram faladas por informantes de maneira aleatória, em conversas informais, é conhecida por quase todos os moradores, inclusive por algumas crianças e jovens. Sendo assim, as expressões coletadas são bem corriqueiras no uso oral de toda a comunidade.

As expressões idiomáticas são mais comuns na fala, porém é possível encontrá-las na modalidade escrita. Listamos alguns dados comuns e frequentes na comunidade campo-meiense:

---

<sup>7</sup> Trata-se de um dos trabalhos desenvolvidos pelo [Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas – GP-Lin](#) da UNIFAL-MG e foi aprovado por meio do [Parecer 995.776/2015](#).

Quadro 1 – porteira.

Dado	Identificação Data/local	Contexto	Evento	Sentido
<i>porteira</i>	14 de janeiro de 2018 – conversa entre conhecidos.	“fulano era uma porteira, nunca vi igual”	Duas pessoas em uma conversa comum.	Expressão idiomática usada para designar alguém mal-educado, grosseiro.

De acordo com o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010), a palavra ‘porteira’ é usada para designar a profissão feminina de porteiro ou o portão de entrada de uma propriedade rural. A segunda definição é a mais comum no dia a dia. Sendo assim, porteira é algo que impede o caminho, ou seja, que delimita uma propriedade.

A porteira é um impedimento, um transtorno, algo que se coloca no caminho “da gente”, como explicam os informantes. Mais do que isso, é grande, pesada, difícil de abrir. “Se for em um dia de chuva, então, tudo piora!”, relatam. Dessa forma, pode se associar a alguém que seja de trato difícil, complicado para se estabelecer algum relacionamento, porque a pessoa não permite um diálogo: é uma pessoa mal-educada, grosseira.

Quadro 2 – guardar o feijão.

Dado	Identificação Data/local	Contexto	Evento	Sentido
<i>guardar o feijão</i>	23 de abril de 2017 – escritório no qual o entrevistado trabalhava	É, chegou a hora de eu guardar o feijão.	Uma conversa informal, situada no ambiente de trabalho, antecedendo uma das principais refeições, o almoço.	Refere-se a fazer uma das refeições mais importantes: almoço ou jantar.

‘Guardar o feijão’, na concepção mais conhecida, assume o sentido de armazenar o cereal em determinado lugar. Na fala, esse local de armazenamento é o estômago de alguém. Isso significa dizer que o feijão só estará realmente guardado se estiver na barriga de quem o come; fora da barriga, ele pode ser “guardado” por qualquer um que tenha acesso a ele. Logo, a ideia de guardar o feijão ou qualquer outro

alimento a que a expressão se refira é uma forma de dizer “guardar de forma que outro não possa mais pegar”, “guardar para sempre”.

Quadro 3 – invernar.

Dado	Identificação Data/local	Contexto	Evento	Sentido
<i>invernar</i>	27 de abril de 2017 – residência do entrevistado	Invernou neste mês de dezembro.	Uma conversa informal sobre as condições climáticas, enfocando o fato de que faz muito tempo que está chovendo sem cessar.	1. Chuva prolongada, ou seja, quando chove vários dias seguidos. Geralmente, a “invernada” vem após um período de muita seca, conhecido localmente como “aragem”. 2. Ficar dependente de bebida alcóolica.

Inverno é o nome dado para a estação da chuva em várias regiões do Brasil como, por exemplo, na Amazônia e no Nordeste. Assim, não é de tudo original que se chame o período de chuvas de “invernada”. A peculiaridade, o contraste maior, porém, está no fato de que, no sul de Minas Gerais, a chuva com maior frequência ocorre nas estações primavera e verão, propriamente, entre os meses de novembro a março. Isso implica que a concepção geral de “invernada”, um tempo chuvoso de médio prazo que vai passar em determinado momento é emprestado de alguma fonte mais antiga que relaciona ‘inverno’ ao período de chuvas. Podemos recorrer à hipótese de que isso venha já desde o latim, em que *hibernus* era o tempo frio relacionado ao gelo e à neve, o tempo mais difícil do ano. A deusa romana *Hiems*, origem da palavra *hibernus*, era responsável pelo gelo, pela neve e pela geada. Como sabemos, a neve e a geada demandam chuva fraca, garoa ou sereno grosso. Tudo isso pode ter criado a relação entre chuva e inverno no português arcaico e isso ter passado às diferentes regiões brasileiras, especialmente às mais conservadoras, interioranas e ligadas ao cultivo do campo.

Ainda, deve-se notar que a relação entre inverno, líquidos, decadência e um tempo difícil na vida em geral se dá em outro sentido da palavra em Campo do Meio:

a palavra ‘invernar’ é usada, também, quando alguém está dependente de bebida alcoólica por vários dias. É muito comum ouvir: “fulano invernou na cachaça”.

Quadro 4 – rateio.

Dado	Identificação Data/local	Contexto	Evento	Sentido
<i>rateio</i>	14 de janeiro de 2018 – conversa entre conhecidos.	Hoje mesmo eu vi cada rateio no Facebook.	Uma conversa informal entre amigos sobre assuntos aleatórios publicados nas redes sociais, especificamente, no Facebook.	Remete a algo engraçado, de caráter humorístico. Pode ser algo ou alguém inusitado, diferente, que causa certa diversão.

A palavra ‘rateio’ faz referência aos verbos ‘ratear’, que, de acordo com o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010), significa separar algo proporcionalmente em partes, e ‘ratar’, que significa roer, mordiscar à maneira de ratos ou, em última instância, deixar de agir como um homem para agir como um rato. Neste, a expressão assume um tom humorístico, remete a algo engraçado. A pessoa pode ser um ‘rateio’, ou seja, estar agindo como um rato, fazendo ‘ratadas’, no mesmo sentido em que ‘fulano é um pagode’, ou seja, ele é engraçado, tosco, faz coisas que um homem normal não faria. Difere-se, ainda da definição de rateio como “divisão proporcional de ganhos ou despesas” (FERREIRA, 2010).

Quadro 5 – largo.

Dado	Identificação Data/local	Contexto	Evento	Sentido
<i>largo</i>	17 de janeiro de 2018 – conversa entre conhecidos.	Fulano é largo demais, faz uma pequena chantagem e consegue tudo o que quer.	Uma conversa informal entre amigos sobre assuntos referentes a relacionamentos em geral.	Em Campo do Meio, essa expressão popular assume um sentido de pessoa esperta, malandra, que consegue alcançar determinado objetivo. Mas, alcançar tal objetivo não significa que seja de forma honesta.

‘Largo’ é extremamente comum ouvir em Campo do Meio. Uma expressão recorrente no Brasil que tem muita relação com essa é “sujeito espaçoso”. Trata-se de alguém muito folgado, malandro, cheio de artimanhas. Largo, literalmente, é algo que ocupa espaços, assim, é alguém ‘largo’ aquele que tira o conforto de outro de forma indevida, seja sobre ameaças ou chantagens, seja com outro tipo de engodo. No Dicionário Aulete Digital<sup>8</sup>, entre as acepções de ‘largo’ encontramos com as rubricas Bras. e Pop.: ‘diz-se de quem tem muita sorte no jogo’. Mesmo o dicionário marcando como uma variação popular brasileira com sentido positivo, percebemos que na comunidade campo-meiense o sentido é diferente e negativo.

Quadro 6 – sartei de banda.

Dado	Identificação Data/local	Contexto	Evento	Sentido
<i>sartei de banda</i>	17 de janeiro de 2018 – conversa entre conhecidos.	Sartei de banda com você.	Uma conversa informal entre amigos sobre assuntos engraçados e/ou constrangedores.	Seria uma repulsa a algo, certo nojo, ser contra. Pode ser também algo do tipo: “não concordo com você.” Exemplo: A pessoa pergunta se você gosta de jiló, daí você usa a expressão “sartei de banda”, para dizer que não gosta.

A palavra ‘banda’, neste contexto, significa *desvio, lado, outro lado* ou *posição oposta*, como ocorre, por exemplo, em “a outra banda do rio”. Portanto, a expressão tem o sentido de ‘tirar o corpo fora’ de uma determinada situação ou não concordar com ela. Nesse uso específico, banda remete a ‘lado’ e ocorre em outras expressões locais como ‘fulano passou de banda’, ou seja, ele passou ao meu lado, desviando de mim. Assim, também tem sentido de “sair da rota”.

‘Sartei de banda’, portanto, corresponde a “desviar” ou “fugir de algo”, sair da condição na qual se sugere que alguém esteja (concordante) para outra (não

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.aulete.com.br/largo>, acesso em 07 jun. 2021.

concordante). O verbo ‘saltar’ significa sair de uma posição e ir para outra. É um ato de negar determinada coisa.

Quadro 7 – vai morder seu pai na bunda.

Dado	Identificação Data/local	Contexto	Evento	Sentido
<i>vai morder seu pai na bunda</i>	19 de janeiro de 2018 - conversa entre conhecidos.	Você me respeita, hein! Vai morder seu pai na bunda, rapaz!	Diálogo entre duas pessoas, no qual alguém ofende um dos interlocutores.	Expressão muito recorrente para defesa própria. Espécie de autodefesa. Por exemplo: quando alguém fala ou faz algo que não lhe agrada e você fica bravo. Daí o uso da expressão.

‘Morder seu pai na bunda’ é uma expressão muito recorrente em Campo do Meio. No sentido literal da expressão, seria uma falta de respeito a alguém. Ninguém, em sã consciência, morde o próprio pai na bunda. É algo impensável, que ninguém, em estado lúcido, fará. Esse, talvez, seja o traço mais significativo do sentido da expressão: “se você está agindo como louco para comigo, se está me desrespeitando, se está me ofendendo da forma que uma pessoa normal não faria, vá fazer isso com seu pai”. Assim, essa expressão muito comum só é usada quando uma pessoa desrespeita outra. Nesse sentido é que ela se torna uma forma de autodefesa. Assim sendo, não é a pessoa que fez o uso da expressão que é mal-educada, mas sim quem, possivelmente, disse ou fez algo não agradável ou que ofendeu alguém.

Aqui, temos que destacar que essa expressão não foi encontrada em outros municípios do sul de Minas Gerais durante os quatro anos de pesquisa do *Dicionário Sul-Mineiro de Expressões Idiomáticas*, projeto do qual participamos, como pesquisador, o que leva a crer que seja endêmica de Campo do Meio.

Vale ressaltar que as expressões aqui apresentadas têm valor identitário para a comunidade, pois estão inseridas num cenário cultural específico. Para pessoas que não convivem com a cultura local ou que não a conhecem, talvez nenhuma dessas expressões faça muito sentido como aqui expostas. Assim, essas marcas linguísticas,

como as demais que coletamos, só assumem seus sentidos específicos porque estão devidamente situadas em uma comunidade de falantes que as construiu ou adotou e que ainda as utiliza, mesmo que seja de modo esporádico.

Infelizmente, muitas dessas expressões identitárias estão sendo abandonadas e, hoje, ficam restritas a poucos grupos de falantes, pois os mais jovens, especialmente, têm optado por adotar uma linguagem mais “moderna”. Isso vai, aos poucos, apagando parte da identidade local. O trabalho científico de, pelo menos, registrar essas expressões pode trazer interesse para esse conhecimento, especialmente se for adotado e devidamente apresentado nos ambientes escolares locais.

## 5 Considerações finais

A pesquisa sobre as tradições orais e construções lexicais nos permite verificar as diferenças de sentido que a língua assume até mesmo em comunidades pequenas.

Os causos, as tradições orais e as expressões idiomáticas enriquecem o patrimônio cultural da cidade. A população, em especial, os velhos, sentem-se felizes e úteis por contribuir com esta pesquisa de resgate dessas tradições.

Além disso, a pesquisa comprovou como os falantes manuseiam o falar de acordo com as suas necessidades e intenções.

Além de ajudar a resgatar e a permanecer viva a cultura de um povo, o trabalho com tradições orais e construções lexicais pode promover atividades interessantes quando pensamos na Educação Básica, vinculadas à realidade de cada aluno, contextualizadas, de acordo com os pressupostos dos documentos que organizam e regem a educação brasileira. Por exemplo, o art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação diz que a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Estar atento e integrado à sua cultura, à sua realidade, conhecer sua história, sua língua e seus costumes é, certamente, a única forma de promover, de modo satisfatório, o exercício de cidadania. Além do mais, este trabalho permite levar um pouco da cultura sul-mineira a outras culturas que diferem da nossa. Durante as pesquisas nesse molde, mais do que conhecimento é adquirido: são criados laços de amizade que ficarão eternizados. Afinal, cada uma das famílias entrevistadas tem uma realidade específica, mas todas compartilham de uma mesma característica: a simplicidade.

Por fim, a pesquisa permitiu, mais uma vez, uma reflexão sobre como devemos, o mais rápido possível, aprender a valorizar e a preservar a riqueza cultural que só os velhos de cada geração possuem. Isso, é evidente, remete para a necessidade de uma prática pedagógica permanente de valorização do conhecimento acumulado nas gerações e de ensino da valorização da cultura local em contraste com a cultura globalizada, muitas vezes, vazia e apenas mercadológica. Ou seja: ainda há um longo caminho a se percorrer neste país em defesa das identidades e das culturas regionais.

### Referências Bibliográficas

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. 48ª e 49ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 75-88.

BOSI, E. **Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação (1996)**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Câmara dos Deputados, 2015.

CAMPOS, L. C. M.; DIAS, A. B. C. **Campo do Meio**: memórias, identidades e heranças da terra. Belo Horizonte, MG: Tamoio Editora Gráfica Ltda., 2010.



CARVALHO, A. P. M. A. de. **Língua e Identidade cultural**: o estudo da toponímia local na escola. Ouro Branco: UFMG, 2012. 13p.

FERRAREZI Jr., C.; BASSO, R. **Semântica, semânticas**: uma introdução. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2013.

FERRAREZI Jr., C. **A pesquisa em Semântica de Contextos e Cenários**: princípios e aspectos metodológicos. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018.

FERRAREZI Jr., C. **Introdução à Semântica de Contextos e Cenários**: de La langue à la vie. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p.

FERREIRA, M. de M., FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (org.) **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 01-45. DOI <https://doi.org/10.7476/9788575412879>

GOVERNO DE MINAS GERAIS. **Prefeitura Municipal de Campo do Meio**. Disponível em: <http://www.campodomeio.mg.gov.br>. Acesso em: 25 de agosto de 2018.

SOUZA, M. E. S. de. **Os Personagens do Tempo – Uma análise dos sujeitos histórico e ideológico do homem velho**. (Dissertação de Mestrado). Guajará-Mirim, RO: Universidade Federal de Rondônia, 2004.

Artigo recebido em: 07.06.2021

Artigo aprovado em: 28.07.2021